

UMA ANÁLISE DA INTERAÇÃO EM SALA DE AULA A PARTIR DE DIÁRIOS REFLEXIVOS

José Claudenelton Costa¹
Rita Souto Maior²

Universidade Federal de Alagoas. E-mail: jose.claudenelton@fale.ufal.br

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ensinar a língua é entender os posicionamentos político-pedagógicos que se criam por meio do processo de ensino e suas condições de uso. Por isso, é de extrema importância saber que é preciso que haja, na escola, um adequado entrosamento entre aluno e professor, a partir do qual a interação entre os interlocutores se realiza, ressaltando que o objetivo da escola é oferecer ao educando a possibilidade de conhecer outras línguas e vivenciar outras práticas de linguagem do que lhe é comum.

Em geral, quando se fala em ensino, uma questão prévia - para que ensinamos o que ensinamos? - é esquecida, muitas vezes, em benefício de discussões sobre o como ensinar, o quando ensinar, o que ensinar. Com Geraldi (1994), entendemos que o “para quê” no ensino de Língua Portuguesa envolve tanto uma concepção de linguagem quanto uma postura em relação à educação, que são apresentadas da seguinte maneira:

A linguagem é a expressão do pensamento: esta concepção está relacionada aos estudos tradicionais em que as pessoas que não conseguem se expressar não pensam; a linguagem é instrumento de comunicação: esta concepção está ligada à teoria da comunicação e vê a língua como código (conjunto de signos que se combinam segundo regras) capaz de transmitir ao receptor uma certa mensagem; a linguagem é uma forma de interação: em que a linguagem é vista como um lugar de interação humana, tendo em vista que através dela o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria praticar a

¹ Graduando de Letras/Português pela Universidade Federal de Alagoas e integrante do Pibid/Letras/Português (no período de 2016 a 2018) da Universidade Federal de Alagoas - Ufal.

² Professora doutora da Faculdade de Letras e coordenadora do projeto Pibid Letras Português (no período de 2016 a 2018) da Universidade Federal de Alagoas.

não ser falando, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam antes da fala (GERALDI, 1984, p.41).

Então, esse trabalho busca refletir sobre as práticas de uma pibidiana e da professora supervisora em sala de aula e a dicotomia presente entre ensino de língua/linguagem e ensino da metalinguagem, descrevendo posicionamentos em relação ao ensino de Língua Portuguesa nas práticas de uma pibidiana e da professora supervisora, identificando implicações desses posicionamentos.

2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Partindo do pressuposto de que, segundo Bakhtin (1988), a situação constitui e é constituída pela enunciação, precisamos entender que cada interação, e entre elas a que se enquadra o gênero discursivo aula, tem configuração particular, entendendo que a linguagem é situada como o lugar de constituição das relações sociais, em que os discursos se estabelecem na interação (BAKHTIN, 2003), que podem ser observados não só no texto verbal, através do que está explícito, mas também em outros elementos não verbais que se encontram na interação (BRAIT, 1993)

Dentro da perspectiva qualitativa de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986) foram analisadas cinco notas de campos e cinco diários reflexivos (entre maio e julho de 2017) de uma aluna vinculada ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID-Letras Português/FALE-UFAL/CAPEL), em uma turma do 7º ano de uma escola da rede pública estadual de Maceió.

Neste trabalho apresento a análise de notas de campos e diários reflexivos a partir de situações observadas em sala de aula na visão da pibidiana durante sua participação no PIBID. Ressalto que, eu como pesquisador, também estava presente em sala de aula.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise de alguns enunciados de aula permite recuperar dados da enunciação para evidenciar algumas estratégias linguístico-discursivas de que a professora usa para se aproximar do aluno.

Agora, apresento abaixo, recortes de reflexões realizadas pela pibidiana sobre observações em sala de aula. Ressalto que, para respeitar e preservar a identidade das participantes da pesquisa, foram escolhidos nomes fictícios, sendo Lia a pibidiana e Kyra a professora supervisora.

Recorte 1.

“Penso que as atividades do livro didático poderiam ser trabalhadas de forma diferente, oralmente talvez, visto que muitos alunos não conseguem responder às questões sozinhos, se todos trabalhassem em conjunto, debatendo sobre as questões, responder as atividades do livro seria um momento mais tranquilo para os alunos, nem que esse momento fosse numa possível correção conjunta.”

(1º Diário reflexivo de Lia)

A pibidiana percebe a importância do aspecto interacional nos processos discursivo de aprendizagem. É importante entender que se o professor/a não sabe diagnosticar o quanto seus alunos/as sabem sobre cada ponto, sua aula pode não prender a atenção do grupo e fazer com que os alunos/as percam o interesse pela aula. Podemos observar através do que Bakhtin apresenta afirmando que os discursos se estabelecem pela interação (BAKHTIN, 2003).

Recorte 2.

“Ao terminar a leitura, Kyra perguntou se os alunos gostaram da história, eles afirmaram que sim, perguntou também se eles conheciam esse gênero, os alunos não conheciam, então a Profa. Kyra começou a contar um pouco sobre as novelas antigas, iniciou falando sobre as radionovelas, que eram ouvidas pelo rádio e o ouvinte tinha que imaginar tudo na mente dele, depois falou sobre como surgiu as fotonovelas, que eram vendidas, antigamente, em jornais. Os alunos gostaram muito.”

(3º Diário reflexivo de Lia)

Nesse trecho, o que vemos é a tentativa da professora em minimizar a estranheza do conteúdo para o aluno, fazendo com que haja uma aproximação do gênero estudado. Podemos observar que por meio de estratégias eficientes o professor conquista o aluno. Ressalta-se o

trabalho numa perspectiva de linguagem como interação, em que há o envolvimento dos alunos nesse processo de aprendizagem.

Recorte 3.

“Prosseguindo com a aula tomo à frente da turma e falo para os alunos que começaríamos a produção... Peço que prestem atenção na minha explicação, mas ninguém queria me ouvir, mudei o tom e disse que não explicaria mais a atividade se não fizessem silêncio, então eles fizeram silêncio por um minuto.”

(4º Diário reflexivo de Lia)

Nesse trecho, Lia, para conquistar a turma, usa recursos como entoação e expressões, através de um processo de negociação. Nota-se a concepção de linguagem interacional. Observamos então que, como apresentado por Brait (1993), elementos não verbais como as expressões também vão influenciar no processo de comunicação.

Muitas vezes, o/a professor/a precisa mudar o tom de voz para falar com seus/suas alunos/as. Dessa forma não apenas vai chamar a atenção, mas também mostrar que, naquele momento, o turno pertence ao professor, e a troca de turno se dará também por meio dele.

Recorte 4.

“Alguns minutos observando e comentando as poesias visuais, profa. Kyra logo passa atividade do livro. Apesar da atividade ser relacionada ao conteúdo passado anteriormente, tratava também de aspectos gramaticais [como classe de palavras e adjuntos adnominais] na reconstrução dos sentidos do texto, e conforme os alunos iam fazendo a atividade tinham muitas dúvidas em relação aos termos, até porque os alunos não tinham visto nada sobre o assunto em questão para responder algumas [das] perguntas [do livro didático].”

(5º Diário reflexivo de Lia / Texto com acréscimo do pesquisador)

A importância de se trabalhar com a metalinguagem é que se apresente uma perspectiva de busca de sentido (KOCH, 2002; SOUTO MAIOR E LIMA, 2017), que se

trabalhe com a gramática inserida em um contexto para que não fique como algo solto, sem saber exatamente quando e como usar.

É preciso ressaltar que muitas vezes o professor não consegue lidar com o livro didático. Ele simplesmente “aplica” o que está posto nas páginas da unidade selecionada sem fazer uma reflexão sobre o que ali está sendo solicitado, tendo em vista que, muitas vezes, o livro prioriza o trabalho com a metalinguagem (SOUTO MAIOR, 2018).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, observamos, na análise de alguns enunciados de aula, indícios enunciativos que evidenciaram estratégias pedagógico-linguísticas da professora e da pibidiana para que houvesse aproximação dos conhecimentos prévios do aluno com o que estava sendo trabalhado naquele contexto. As práticas de linguagem utilizadas pela professora e pela pibidiana apresentam, em alguns momentos, estratégias interacionais que visam a proximidade entre os saberes dos/as alunos/as e dos/as professores/as em formação, resultando no maior envolvimento do discente no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1988.
- BRAIT, Beth. *O processo interacional*. In: PRETI, Dino (org). *Análise de textos orais*. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 1993.
- GERALDI, J. W. (Org.) *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 2. ed. Cascavel: ASSOESTE, 1985
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas*. São Paulo: EPU: 1986.
- SOUTO MAIOR, Rita; LIMA, Simone. *Recontando histórias da comunidade em sala de aula: observando o ethos do/a estudante autor/a em atividades de letramentos*. Revista Educação e Linguagens, Campo Mourão, v. 6, n. 10, jan./jun. 2017.

